

Comércio da Póvoa de Varzim

JORNAL REPUBLICANO, DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS E O DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO CONCELHO

Director e editor—Manuel A. Frasco = Redacção administração—Praça da República = Propriedade de Frasco & Companhia

Errou Beethoven, quando assim escreveu. O seu poder de visão não atingiu a evolução dos tempos, dos... ventos, que imperam neste século em que o homem atravessa velozmente o espaço, o progresso nos apresenta a travessia de um paiz em bicicleta, prendendo a atenção de velhos e novos, em que a loucura atingida pelo entusiasmo da façanha filha desta época em marcha, faz esquecer a meditação que reclamam os dois mais importantes problemas: — a questão económica, o inlabor.

Se Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral ou Bartolomeu Dias, pudessem olhar hoje para Portugal, teriam que reconhecer, que seus feitos náuticos e descobertas, não valem a ousada façanha de Nicolau ou de Ezequiel, os homens que a gratidão nacional contempla e, a repetir-se o grande negócio, a História terá de os immortalisar. Sem duvida que Beethoven, não conheceu o povo mais exótico do mundo, não era forte em geografia.

E se de facto, a Imprensa é o mais alto expoente da civilização dum povo, assim o provam os espectáculos a que diariamente estamos assistindo, mesmo no coração desta cidade de mármore e junto aos «placards» dos grandes jornais, a multidão embasbacada, aguardando as notícias dos auto falantes, acompanhadas do seringa-ófono, adormecendo-a com os fadinhos e atraentes tangos. E' de arripiar ouvir as apreciações dos meninos da época, as graças de certos engravatados, a darem-se ares de pessoas de elevada quão sólida cultura. E a quem exigirmos responsabilidades?

Ao máximo expoente da civilização dum povo!

Na época do estadista Fontes Pereira de Melo, o nosso bom, o nosso eterno ingénuo povo, era levado a comer palha ao som do hino da Carta e do estalegar de foguetes... hoje, que os nossos meninos da época já nascem sábios, envergonhando o conceito de Beethoven, o povo come palha com a Volta a Portugal em Bicicleta, tantas outras iniciativas que definem a época de nossos dias. A grande comédia que é a Vida!

Só quem presenciou os dois últimos grandiosos espectáculos que a Exposição Colonial Portuguesa originou, chamando a conhecer do valor daquela lição demonstrativa do nosso estôrço através cinco séculos de luta, de sacrificios, ao serviço da sacrosanta causa de colonisação, o

Atraz de tempos...

«Ainda se não levantaram as barreiras que digam ao talento: daqui não passarás...»

povo que se tem limitado a viver dentro dos limites do alto Minho ás margens do Guadiana uns, do espaço no seu próprio concelho quantos, recebendo-os com as merecidas honras os habitantes da cidade do Labor, do berço da liberdade, o Porto, pode conhecer, discutir, o atraso mental do nosso povo—a herança que recebemos da Monarquia.

No segundo espectáculo, a vista da provincia Zonas, Extremadura, Alentejo e Algarve, mais acentuadamente se patenteou a carência de cultura, de educação cívica.

Atravessando o povo aquela exibição deslumbradora que é o certame, a que já milhares de estrangeiros classificaram de obra formidável, pelo perfeito método e ordem como ali se apresenta todos os valores e riquezas, que hoje representa a nossa acção colonial que ninguém excedeu, ou sequer nos igualou nos sacrificios, na abnegação patriótica, aquela excursão de gente branca, deixou entristecidos quantos cultos, viajados, ouviam as suas banalidades proferidas por quantos atônitos olhando para aquela lição portentosa revelada através daquela docu-

mentação, dos mostruários das matérias primas produzidas em Angola, Moçambique, Macau, Timor e India, as «maquetes», os gráficos, as estatísticas, vários grupos, acompanhados e dirigidos pelos seus Reitores, ávidos de curiosidade, minados pelo espanto, bradavam em alta grita:

—Olhe sr. Reitor!—o que é isto?

Ficavam-se emudecidos de espanto e lá lhes saía o ah! A prova esmagadora de quanto ainda é elevado o número de analfabetos nesta terra onde nasceu e dorme Pedro Alvares Cabral!

Que tristesa.

O português ilustrado, a mocidade escolar, são os que têm aproveitado com aquela demonstração que é a I Exposição Colonial para lhes afervorar o culto patriótico, despertara fê, adormecida pelos modernos desportos, ainda o respeito pelos nomes e feitos dos seus Maiores que passaram, a quem lhes devemos a edificação do vasto Império Colonial, obra de navegadores, de soldados, de missionários, que lutaram por remotas paráguas da Africa, da Asia, da Oceania, para consolidarem, manterem com o preciso esplendor, a soberania que hoje nos invejam.

Dos próprios indígenas nos devemos orgulhar, de serem, como nós, filhos desta Terra-Mãe, que é o Portugal de todos os portugueses!

Terminada aquela lição, autêntica apoteose da nossa epopeia, que maravilhou os Ministros das Colónias da Bélgica, da Marinha de Espanha, que tudo dariam para uma só hora serem portugueses, impõe-se o dever aos novos trabalhar, lutar, para a solução do seu ambicionado sonho doirado — um Portugal Maior—sem esquecerem que necessitamos primeiro entrar a viver no indispensável Portugal Melhor que, nos solve os grandes problemas que nos torturam: a questão económica, o inlabor, a tuberculose, o cancro, a autêntica assistência pública.

E para reclamar já um Portugal Maior, antes de nos habilitarmos a decretar a obrigatoriedade do ensino primário e tudo o mais, de quanto necessita a familia portuguesa?

Há tanto que trabalhar, que construir, que aperfeiçoar, até chegarmos ao Portugal Melhor! Seremos eternamente um povo de sonhadores...

R. LARANJEIRA

SOCORROS A NAUFRAGOS

Tendo de ser demolida a pequena casa térrea que serviu de casavalva-vidas, para aformoseamento do exterior do Castelo, vai ser erguida a enfermaria de socorros a naufragos no terreno dos barracos armazens de sardinha, da parte oriental do Castelo, junto à entrada da rua da Fortaleza.

Assim desaparecem os referidos barracos e a chamada ilha Bandeirinha, saneando-se o local.

Este melhoramento lembra-nos a necessidade de endireitar a rua da Fortaleza, na referida entrada, para que a referida obra se faça como se impõe.

O bairro do Castelo, com o futuro aformoseamento exterior, e com as proximidades do Casino, vai ser muito visitado pelos nossos forasteiros; portanto, tudo que for feito, no sentido de alindar, e sanear o local, terá o aplauso de todos nós.

Emigrantes

Foi determinado que continue suspensa, durante um novo período de dois anos, a execução da doutrina do decreto n.º 16.782, de 27 de Abril de 1929, que proibe o embarque de emigrantes de mais de vinte e um e menos de quarenta e cinco anos sem o certificado de passagem da 3.ª para a 4.ª classe do ensino primário elementar.

Alfredo Pinto

Depois de ter passado uma temporada entre nós, regressou no domingo à sua casa da capital, o nosso querido amigo e illustre colaborador sr. Alfredo Pinto.

Sentindo a ausência do nosso meio, do bom e querido amigo, todos os que trabalham no «Comércio» lhe desejam as maiores felicidades, agradecendo muito reconhecidamente a honrosa colaboração que de há muito vem sendo dispensada ao nosso modesto semanário.

Brasão da Póvoa

Está sendo devidamente estudado pelo ex.^{mo} sr. Afonso Dornelas, da Secção Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o brasão da nossa terra. A Câmara mandou os elementos necessários, a esta douta Academia, entre os quais um valioso estudo do sr. Manuel Silva.

Particularmente o sr. Baptista de Lima também enviou ao sr. Afonso Dornelas, com uma indicação do sr. Santos Graça, para que o estudo do brasão pòveiro se faça condignamente, por que ele contém muita fantasia nos ornatos.

Estamos convictos de que o brasão da Póvoa vai ser o que deve ser dentro das leis da Heráldica.